

A PRESENÇA DA AUSÊNCIA DA GOMEIA EM DUQUE DE CAXIASAdriana Batalha dos Santos¹**RESUMO**

As décadas que separam a Gomeia, construída por Pai João e sua comunidade de terreiro, da Gomeia que conheci, através da pesquisa, legaram para aquele espaço uma progressiva ruína, além da dispersão material e simbólica da herança de seu glorioso passado. Neste artigo desenvolvo um esforço de olhar para o que sobrou da Gomeia no bairro de Copacabana em diálogo com memórias coletivas locais e identificar presenças que a habitam, mantendo-a viva.

Palavras-chaves: Joãozinho da Gomeia; Memória Coletiva; Bairro de Copacabana; Duque de Caxias.

THE PRESENCE OF THE ABSENCE OF GOMEIA IN DUQUE DE CAXIAS**ABSTRACT**

The decades that separate the Gomeia, built by Pai João and his terreiro community, from the Gomeia that I met, through research, bequeathed to that space a progressive ruin, in addition to the material and symbolic dispersion of the heritage of its glorious past. In this article, I make an effort to look at what is left of Gomeia in the Copacabana neighborhood in dialogue with local collective memories and to identify presences that inhabit it, keeping it alive.

Key-words: Joãozinho da Gomeia; Collective memories; Copacabana neighborhood; Duque de Caxias

LA PRESENCIA DE LA AUSENCIA DE LA GOMEIA EN DUQUE DE CAXIAS**RESUMEN**

Las décadas que separan a la Gomeia, construida por Pai João y su comunidad del terreiro, de la Gomeia que conocí, a través de la investigación, legaron a ese espacio una ruina progresiva, además de la dispersión material y simbólica del patrimonio de su glorioso pasado. En este artículo hago un esfuerzo por

¹ Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA/UFF), Especialista em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IFCH/UERJ). Atua como professora de Sociologia da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). E-mail: adrianabatalha@gmail.com

mirar lo que queda de la Gomeia en el barrio de Copacabana en diálogo con la memoria colectiva local e identificar las presencias que lo habitan, manteniéndolo vivo.

Palabras-claves: Joãozinho da Gomeia; Memorias colectivas; Barrio Copacabana; Duque de Caxias

É vasta e interdisciplinar a literatura que explora os múltiplos sentidos da relação dos homens com as espacialidades. Para as questões que este artigo pretende abordar, cabe trazer aquelas que privilegiam a perspectiva experiencial na produção desses sentidos. Como a do geógrafo Yu Fu Tuan (1977), ao explorar a dimensão sensorial na construção de sentidos sobre materialidades que configuram lugares:

Que é um lugar? O que dá identidade e aura a um lugar? Essas perguntas ocorreram aos físicos Niels Bohr e Werner Heisenberg quando visitaram o castelo de Kronberg na Dinamarca:

“- Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras, e admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. As pedras, o teto verde com a pátina, os entalhes de madeira na igreja constituem o castelo todo. Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio pátio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet: ‘- Ser ou não ser’”. (TUAN, 1977, p. 4)

Afetada por essa perspectiva, percebi certa ambivalência na fala de Martelo, descendente espiritual de Pai João, em relação à vitalidade do terreno que, não apenas ele mas outros vizinhos, ainda chamam de “Gomeia”. Martelo afirma, em vários momentos, que tudo “acabou”, mas diz que “o coração dói” quando passa por lá. Diz que “não tem mais futuro”, mas tem presente, ao afirmar que a “Gomeia é aqui.” Martelo nasceu e cresceu naquele espaço quando havia o barracão erguido recebendo convidados para as concorridas

festas, assentamentos² sendo cuidados, casas para a comunidade de terreiro que ali vivia, a luxuosa casa de Pai João e muito mais materialidade, que hoje requer o que Didi-Huberman (2017) chama de “olhar arqueológico” para enxergar. As reflexões de Didi-Huberman (2017) - provocadas por experiências como caminhar à beira de um “pequeno lago onde repousam as cinzas de milhares de mortos” no bosque onde funcionou o campo de concentração nazista Auchwitz-Birkeneau - instigam o olhar a partir dos resíduos e superfícies que identifica como “cascas da história”:

Logo, nunca poderemos dizer: não há nada para ver, não há nada para ver. Para saber desconfiar do que vemos, devemos saber mais, ver, apesar de tudo. Apesar da destruição, da supressão de todas as coisas. Convém saber olhar como um arqueólogo. E é através de um olhar desse tipo - de uma interrogação desse tipo - que vemos que as coisas começam a nos olhar a partir de seus espaços soterrados e tempos esboroados. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.61)

As décadas que separam a Gomeia, construída por Pai João e sua comunidade de terreiro, da Gomeia que conheci, através da pesquisa, legaram para aquele espaço uma progressiva ruína, além da dispersão material e simbólica da herança de seu glorioso passado. Neste artigo desenvolvo um esforço de olhar para o que sobrou da Gomeia no bairro de Copacabana em diálogo com memórias coletivas locais e identificar presenças que a habitam, mantendo-a viva.

Para melhor compreender as memórias sobre João e a Gomeia compartilhadas por moradores e integrantes da comunidade de terreiro que ainda vivem ou circulam pelo bairro de Copacabana e seu entorno, cabe lembrar as lições básicas de Maurice Halbwachs (1990) e Michael Pollack (1992) sobre a produção de “memórias coletivas”. Halbwachs demonstra como a produção de

² “Coisa (pedra, árvore, símbolo metálico, etc.) que representa o orixá (...), onde se assenta sua força dinâmica, por meio de cerimônias rituais.” (CACCIATORE, 1977, p.52)

memórias é seletiva e produto de um processo relacional e contextual, que aciona “quadros memoriais”, construídos e compartilhados coletivamente, ancorados na História, no Tempo ou no Espaço. São esses “quadros” que fornecem as molduras mutantes para as lembranças sobre o vivido. Segundo Michael Pollack (1992), esse vivido - presencialmente ou por herança - fornece os “acontecimentos”, “personagens” e “lugares” que constituem o material operacionalizado, individualmente ou coletivamente, na produção de memórias. No caso das pessoas que concordaram em colaborar com essa pesquisa compartilhando suas lembranças, foram especialmente as “festas na Gomeia”, “Pai João/Seu João” e o “bairro/rua” que forneceram as lembranças acionadas na produção de memórias coletivas ancoradas no Espaço e no Tempo.

A Gomeia, apesar de tudo

A primeira vez que estive no terreno do Terreiro da Gomeia foi em setembro de 2015, logo após entrar para o Doutorado com um projeto sobre o “esquecimento” de Joãozinho da Gomeia em Duque de Caxias. Tinha uma vaga noção sobre sua localização, já que conhecia o bairro onde está situado por ser bem próximo à Vila São Luiz, onde passei a infância e adolescência sem nunca ter ouvido falar em Joãozinho da Gomeia. Optei por tentar achar a Gomeia sem indicações mais precisas, para reconhecer o bairro, que não visitava há muitos anos. Ainda assim, não foi difícil chegar à Gomeia. As duas pessoas a quem pedi informação apontaram a direção que eu devia seguir. Vindo pela Rua Castro Alves acessei a Rua Prefeito Braulino de Matos Reis quase na altura do terreiro desativado. Alguns poucos passos na rua e já apareceu o imenso terreno baldio que se destaca na paisagem marcada por uma grande concentração de casas coladas umas nas outras.



Figura 1: O terreno do Terreiro da Gomeia fotografado pela autora em 02/04/2019. Fonte: Acervo pessoal

“Era fartura. Com ele era fartura”

Seu Ronaldo³

Conversando com moradores em uma das minhas visitas à rua soube que, a despeito da total ausência de identificação sobre o espaço que abrigou o glorioso Terreiro da Gomeia e seu famoso dirigente, aquele trecho da rua é conhecido como “Joãozinho da Gomeia”. Como o bairro Copacabana onde está localizada, não está no mapa.⁴ Mas, seguindo as orientações de Michel de Certeau, substituí o “mapa” pelo “percurso” a fim de produzir “relatos de

³ Entrevista gravada na localidade em 02/04/2019.

⁴ No seu trecho inicial, a atual Rua Prefeito Barulino de Matos Reis era a antiga Avenida General Rondon, e seguindo em direção ao bairro Dr. Laureano era a Avenida Copacabana, que acabou dando o nome com o qual até hoje esse trecho do bairro Vila Leopoldina é mais conhecido.

espaços” invisíveis ao “sistema de lugares geográficos”, mas praticados no cotidiano (CERTEAU, 2012, p. 189). Se esses lugares não autorizados insistem em existir é porque como “lugares vividos” são como “presenças das ausências”, que ligam as pessoas aos lugares através das lembranças evocadas. Pois como nos faz refletir De Certeau:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 2012, p.p.175/176)

Foi o prazer revelado no sorriso de Tuninho ao ouvir o nome “Joãozinho da Gomeia” - em um dia que acessei a Rua Prefeito Braulino de Matos Reis, vindo pela Rua Bangu, e perguntei se tinha que virar para esquerda ou para a direita para chegar no antigo terreiro de Joãozinho da Gomeia - que me fez parar e ouvir suas histórias sobre o terreiro que conheceu na infância e adolescência:

De mês em mês ele fazia mó⁵festão aí! Ih, isso aqui ficava infestado de carro. Vinha muita gente de São Paulo. Muita gente mesmo! Artista, ator! Ih, pô! Todo mês tinha um festão mesmo! Festão com comida e bebida à vontade. O salão era grandão. O salão dele era estilo Maracanã. Pô, tinha arquibancada em volta! Era show de bola mesmo. A festa começava numa sexta-feira e só acabava no domingo. Rolava dia e noite. (...) Uma coisa de louco mesmo. Muita gente sente a maior falta, até hoje! ⁶.

Foi com Tuninho a primeira entrevista que fiz no bairro, quase três anos e meio depois da minha primeira visita como pesquisadora, quando passei a visitá-lo continuamente entre os meses de março e abril de 2019 e esporadicamente durante o restante do ano e início de 2020. Nesse mesmo dia conversei com outro vizinho, que não autorizou que eu gravasse a conversa,

⁵ As transcrições das entrevistas foram feitas com reprodução da modalidade de língua na qual foram concebidas por questão de respeito ao estilo discursivo de seus autores.

⁶ Entrevista gravada na localidade em 19/03/2019.

mas por mais de uma hora contou, de forma muito entusiasmada, histórias que viveu e/ou ouviu⁷ na/da “época da Gomeia”.

Assim como Tuninho, esse vizinho inicia sua narrativa com um largo sorriso e abre os braços para mostrar o tamanho do boi que era sacrificado em dia de festa, cuja carne era fartamente consumida para quem quisesse entrar no terreiro. Se sobrasse, era distribuída na vizinhança. Conta que, como o terreiro divulgava no bairro com antecedência os dias das festas, o pessoal se organizava para aproveitar o grande movimento de pessoas e ganhar algum dinheiro. A rua virava uma “quermesse”, com vizinhos vendendo bebidas e comidas para quem chegava, saía ou preferia ficar do lado de fora do terreiro. Havia também os que ganhavam dinheiro ajudando a estacionar os carros dos “bacanas”, que lotavam a rua. Durante a semana, eram os carros de vidros fechados que chamavam a atenção da vizinhança. “Foqueira como era”, especulava sobre as identidades ocultas desses visitantes em busca do jogo de búzios de Pai João. O vizinho diz se lembrar do dia em que disseram que era Juscelino Kubitschek⁸ quem saía de um desses carros. Como se lembra, também, dos móveis de pau brasil tipo “Dom Pedro, Princesa Isabel” e do “sofá de capitonê” que havia no casarão de Pai João, que acredita ter ganhado muito dinheiro com tantos artistas e políticos que o procuravam. Mas, como outros vizinhos, também reforça que fazia partilha com a vizinhança de seus ganhos. Menciona a ajuda que oferecia a outros terreiros do entorno, como o de Seu Altino e Dona Albertina. Conta, ainda, que alguns dos chefes desses terreiros, em sua maioria de “umbanda e quimbanda”, aproximavam-se da Gomeia em busca de conhecimentos religiosos que aumentassem as suas clientelas. Alguns chegando até a “fazer a cabeça”⁹ no Candomblé de Pai João, como Dona Florinda. Lembra ainda do bom relacionamento que o pai de santo tinha com o Pastor Oscar Dias de Oliveira, da Igreja Assembleia de Deus, que na época em

⁷ Não registrei sua idade, mas aparentemente devia ser criança quando João faleceu.

⁸ Juscelino Kubitschek (1902-1976) foi Presidente do Brasil (1956-1961) quando João esteve no auge de sua fama. Não há comprovação da relação entre os dois, mas essa suposta relação alimentou o imaginário sobre João de muitas histórias verossímeis, mesmo que ainda não verídicas.

⁹ Ser iniciado no Candomblé.

que João estava vivo, dividia o muro com o terreiro. Conta que eram amigos e que o Pastor costumava disponibilizar para João seu carro com tração nas rodas para sair da rua quando essa ficava com muita lama. Sobre o fim da Gomeia, cita a Bíblia e faz um paralelo com Sodoma e Gomorra, afirmando: “Depois que Deus destruiu e ninguém mais conseguiu reerguer”¹⁰.

Cabe aqui uma pequena digressão para abordar uma questão que atravessa a minha pesquisa: o crescimento, em escala e intensidade, da violência material e simbólica direcionada a praticantes de religiões de matriz africana na Baixada Fluminense, cujas motivações têm sido associadas a forte penetração de certos discursos de origem evangélica na região. Logo que cheguei ao bairro e à rua, chamou a minha atenção a grande quantidade de igrejas evangélicas¹¹, a maioria ocupando pequenos espaços e grande parte portando nomes iniciados com “Assembleia de Deus do/da...”. Segundo Tuninho, o bairro hoje “tem mais igreja que casa”. Percebi também a presença, ainda que minoritária, de espaços religiosos de matriz africana. Através de *alguidares e quartinhas*¹² em cima dos muros e algumas poucas placas identificando o fim religioso do local, mas também por indicação de moradores sobre terreiros e centros espíritas ativos no bairro. Embora a maioria dos meus interlocutores tenha se referido à convivência entre esses espaços religiosos do bairro como pacífica, alguns fizeram referência a um passado onde “havia respeito” ou “não havia essa guerra”. A pesquisa do antropólogo e historiador mexicano Rodrigo Medina - que desenvolveu um trabalho de campo no bairro por cinco meses, sendo que três residindo na casa de um vizinho da Gomeia, no segundo semestre de 2019 - trouxe outras vozes carregadas de tensões religiosas, que o meu contato mais superficial com o bairro captou apenas implicitamente. Como essas contradições discursivas percebidas e naquela comparação da Gomeia com “Sodoma e Gomorra”, feita pelo vizinho que conciliava citações bíblicas com o conhecimento de muitos nomes de antigos

¹⁰ Diário de campo, 19/03/2019.

¹¹ Um dia comecei a contar. Andei três ou quatro quarteirões da rua e parei na décima que encontrei.

¹² Materialidade ritual que demarca a entrada em um território sagrado.

Pais e Mães de Santo do bairro. Medina relata que também a pedido de alguns de seus interlocutores de campo, trouxe uma narrativa sobre a Gomeia onde “se incluya la visión evangélica y la historia de la violencia” (MEDINA, 2020, p.7) que recorda como “el terreiro sirvió para venerar al diablo.”

Essa memória registrada por Medina em sua pesquisa passa longe da memória familiar compartilhada por Dorinha¹³, que era criança quando o terreiro estava ativo e seus pais tinham ótima convivência com Seu João. Diz que o pessoal mais velho que conheceu a Gomeia, em sua maioria, morreu, mudou do bairro ou “tá esquecido”. Como sua mãe, de 98 anos, que adorava lembrar e contar histórias do “tempo da Gomeia”. Tempo que Dorinha lembra e narra de forma muito animada. Conta que as crianças da sua idade “viviam ali na rua” penduradas nas grades do muro do terreiro vendo o que acontecia lá dentro. Também que “quando era época de São João, ele fazia uma fogueira enorme! Uma fogueira linda, muito alta, aquelas toras enormes! Era muito bom!” Lembra ainda dos preparativos da festa que supunha ser de Santa Bárbara¹⁴, quando as filhas de santo de Pai João vinham na sua casa buscar água de um poço que seu pai mantinha no fundo quintal: “aquelas baianas bonitas, tudo com aquelas roupas bonitas, com aquele negócio na cabeça, pegar água ali”. Como Seu João, que quando “pegava seu santo” ficava “muito bonito, muito bonito mesmo”. Lembra ainda da mãe de João, Dona Senhora, também “muito bacana” que rezava sua mãe quando essa tinha dor de cabeça. Dorinha relembra uma história que sua mãe contava sobre o dia em que ela estava sozinha em casa com as filhas pequenas e uns homens tentaram entrar. Seu João viu e “colocou os homens pra correr”, dizendo pra sua mãe: “Comadre, qualquer coisa é só me chamar”. Conta ainda que não só os seus pais, mas o pessoal da rua “falava muito bem dele, muito mesmo”. Respondendo à minha pergunta se na vizinhança há quem tenha medo do terreno, Dorinha fala que sim, que tem quem “diz que esse negócio de santo, essas obrigações pode pegar nos outros”. O que discorda, lembrando com alegria:

¹³ Entrevista gravada na localidade em 02/04/2019.

¹⁴ Na Gomeia havia um altar para Santa Bárbara, associada à lansã no sincretismo religioso. Logo, é possível concluir que a católica Dorinha esteja se referindo à festa de lansã.

Ah, pega nada! Comi tanta comida daí. (...) Comida gostosa! Ô, Jesus! Fazia era bem! Fazia ruim se não comesse! E ele dava, dava mesmo. Dava frango inteiro pra papai, só tirava as penas e dava. (...) Ih, mas era muito bom! Quando soltava aqueles fogos! Ih, que delícia!

Ronaldo¹⁵, conhecido na rua como “Seu Boneco”, afirma ter 54 anos, mas diz se lembrar de Seu João e das festas no terreiro. Filho de um comerciante da rua que vendia carnes para Seu João começa sua fala narrando a fartura das festas:

A macumba era boa. (...) tinha bastante comida na época, cabrito, essas coisas que ele dava pro povo aí comer. Muita comida! Era fartura, com ele era fartura. Vinha muita gente aí também no Candomblé. Vinha cantor, vinha Alcione. Vinha um montão de gente aí. Montão!

Sobre João, Ronaldo também é só elogios: “Ele tratava todo mundo bem aqui. Matava boi e dava pro povo. Ele era uma pessoa boa. (...) Tinha gente que precisava e pedia a ele. Tinha muitos aí que passava até fome e ele fazia compra, dava”. Lembra-se que ali antigamente era um lugar brabo, cheio de bandido, mas até os bandidos respeitavam ele. Ronaldo fala também dos filhos de João que moram no bairro e ressalta que são filhos de santo, “que ele era... na verdade ele era gay”. Então, perguntei se as pessoas tinham problema com isso e Ronaldo respondeu: “Tinha nada. Ninguém ligava, sabia que ele era mesmo. E era querido. Era um cara comunicativo. Tinha condição financeira muito boa, mas não era metido à besta. Tratava todo mundo por iguais.” Essa percepção de Ronaldo de que ninguém ligava para o fato de João ser “gay” é respaldada de forma ambígua por um vizinho, morador antigo da rua aparentando estar na faixa dos 70 anos, que não quis gravar entrevista. Ao ser perguntado sobre Seu João, respondeu em tom de desprezo: “Lembro muito! Andava rebolando pela rua, mas todo mundo respeitava”. O mesmo tom

¹⁵ Entrevista gravada na localidade em 02/04/2019.

aparece ao falar do terreiro, que diz ter conhecido só do lado de fora: “Era muito artista e viado”¹⁶.

Tanto Dorinha quanto Ronaldo demonstram oscilação no humor quando falam da situação atual do antigo terreiro. Alternam um tom saudosista, quando narram suas lembranças, com um tom de tristeza e revolta quando se lembram da degradação daquele espaço: “Era muito bom, muito bom mesmo, era o nosso divertimento quando a gente era pequena. Essa casa era linda, linda, nem parece esse lixo que tá aí hoje. Esse terreno nojento”, fala Dorinha. Também Ronaldo interrompe espontaneamente uma fala saudosa com uma revoltada, ao se lembrar do presente:

Era muito cheio mesmo. Muito carro! Tanto dentro do Centro, quanto do lado de fora. Era muito bom, muito bom mesmo! (...) Aí, abandonou e acabou tudo aí. Quebraram tudo, destruíram tudo. Tem mais nada aí! Falaram que ia pintar um negócio aí de pesquisa, negócio de osso, iam procurar uns ossos que tava aí. Mas acabou que abandonaram também e não fizeram nada.

Reclamam, também, que apenas em época de eleição aparecem políticos prometendo mudar a situação do terreno. A mesma fala ouvi de uma vizinha, que não quis gravar entrevista, mas aceitou conversar rapidamente. Disse que ninguém consegue fazer nada ali, se lembra que a Prefeitura retirou há um ano uma moradora - que se apossou de uma parte do terreno - para construir um centro cultural e nada foi feito.

Todas as pessoas da vizinhança do terreno que conversaram comigo expressaram um desejo pouco confiante de ver aquele espaço voltar a prestar algum serviço para a vizinhança e deixar de trazer problemas. Os sanitários, como os ratos e mosquitos que ali prolifera. E de segurança, que abordaram de forma muito reticente¹⁷.

¹⁶ Diário de campo, 05/06/2019.

¹⁷ Em entrevista para essa pesquisa, Rezinho, pesquisador da Gomeia que mora próximo a essa vizinhança, comentou que muitos vizinhos da Gomeia têm receio de falar sobre o uso que, após a desativação do terreiro, a então chamada “polícia mineira” fez do terreno, “utilizando-o como local de “execuções”. Também durante a minha pesquisa ouvi, de forma muito reticente, sobre a presença dos “homens” que “tomam conta da rua”, o que algumas poucas pessoas verbalizaram serem “milicianos”, presença essa que a pesquisa de Rodrigo Medina (2020) na vizinhança da Gomeia conseguiu captar com mais clareza. Para uma maior contextualização

Mas, saindo um pouco da rua e ampliando a caminhada para o bairro e arredores, outra Gomeia aparece. A partir de indicações que recebi dessa vizinhança cheguei a algumas das crianças e jovens que faziam parte da comunidade do Terreiro da Gomeia e hoje são adultos que guardam algumas memórias comuns e outras diversas das que trouxe neste tópico.

“Igual à Gomeia eu nunca vi”

Mãe Marinalva¹⁸

Identifiquei na vizinhança da Gomeia uma memória coletiva sobre as pessoas que tomaram conta do terreiro e do terreno do terreiro após a morte de João. Os nomes de Mãe Kitala, Mãe Ileci, Valentim e Gitadê apareceram de forma recorrente nas conversas formais e informais que estabeleci. Algumas pessoas citaram também os nomes de José e de Dona Senhora, respectivamente filho adotivo e mãe carnal de João. Com exceção de José¹⁹, todos os nomes citados já haviam falecido quando estive na Gomeia.

Foram citados também outros nomes identificados como “filhos/da família de santo” de João, que viviam nas redondezas do terreno. O mais citado deles eu já conhecia, mas soube pela vizinhança que morava em Caxias, mas não tão próximo ao terreno do Terreiro: Mãe Seci Caxi, filha carnal de Mãe Kitala, que foi indicada pelos búzios como herdeira espiritual de Pai João. Na ocasião, já havia estabelecido contato com ela através de redes sociais, mas não havia ainda conseguido agendar um encontro para entrevistá-la, o que só consegui quando já estava finalizando o trabalho de campo. Outro nome muito citado foi do irmão carnal de Seci e neto de santo de Pai João, conhecido no bairro como Martelo, que mora a poucos metros do terreno. Após certa resistência - dizia não ter muito como contribuir para a minha pesquisa - Martelo concordou que eu o entrevistasse. Através de Pai Jorge de Tempo, que

sobre a forte presença do que hoje é chamado de “milícia” em Caxias ver a tese do sociólogo José Claudio Sousa Alves (2003).

¹⁸ Entrevista gravada na sua residência em 30/03/2019.

¹⁹ Mãe Seci informou que, após viver um tempo em São Paulo, José voltou para Caxias, onde vive até hoje.

comanda um terreiro de Candomblé angola próximo à Gomeia, na Rua Ipanema, cheguei a Mãe Marinalva, filha de santo de Pai João e irmã carnal de Mãe Seci e Martelo. Pai Jorge não conheceu o Terreiro da Gomeia e Pai João, mas foi feito no Candomblé Angola por Mãe Marinalva, indicando-a como alguém que poderia contribuir para minha pesquisa mais do que ele.

Além dos filhos carnis de Mãe Kitala, vizinhos da Gomeia mencionaram os filhos adotivos de Mãe Ileci como pessoas da “família de santo” de Pai João que ainda viviam no bairro, mas também mencionaram que eles não gostavam de falar sobre a Gomeia. De fato, o filho, educadamente, recusou-se a conversar comigo. Já a filha conversou amistosamente comigo por cerca de uma hora, mas não autorizou que eu gravasse ou utilizasse trechos de nossa conversa.

Mãe Marinalva conta que nasceu em Salvador. Veio para Caxias com sua mãe e conheceu muitos dos filhos mais velhos de Pai João que vieram da Bahia. Como Mãe Chica, a primeira *Iyamorô*²⁰ do terreiro e Pai Bekê, “pai pequeno”²¹ da Gomeia que também fazia as roupas de santo. Ela relata que “fez santo” aos 11 anos de idade e conheceu muitos Pais e Mães de santo com casa aberta na Baixada que frequentavam a Gomeia, como Mãe Senhorazinha, Pai Cristóvão, Pai Valdomiro, que contou ser afilhado de santo de Pai João. Martelo²² também fala dessa presença de outras lideranças do Candomblé na Baixada e menciona desentendimentos que, eventualmente, surgiam entre eles, mas que não impediam que estivessem presentes nas festas do Oxóssi e da Iansã²³ de Pai João, que eram as mais “fortes” na Gomeia. Ao falar dessas e outras festas, Mãe Marinalva extravasa entusiasmo:

Era muito lindo, minha filha!! A festa de Oxóssi, Nossa! Vinha artista! Vinha muito artista pra lá! A festa de Iansã, então! Abalou o Brasil! Era muita coisa bonita! Você viu as Águas de Oxalá no retrato?(...) Você não me conheceu, eu pequena ali no meio. Aí saía, dava volta. Todo mundo ali na rua adorava,

²⁰ Cargo de extrema importância no Candomblé, pois auxilia o Pai ou Mãe de Santo em ritos fundamentais, como a oferenda a Exu para a abertura dos trabalhos religiosos.

²¹ Alto cargo no Candomblé, pois quem o ocupa substitui o Pai de Santo em sua ausência.

²² Entrevista gravada na sua residência em 06/04/2019.

²³ Orixás de Pai João.

minha filha! Morreu muita gente, né? (...) Tinha festa do caboclo Pedra Preta, tinha Olubajé, entendeu? Era muito lindo! Era uma coisa! Ficava todo mundo doido: “Quando é que vai ser?”

(...) Igual à Gomeia eu nunca vi! Ali quando fazia roda de santo, era três, quatro, cinco rodas! Só de filho de santo que ele tinha! Muito, muito, muitos filhos de santos! Era muito lindo, minha querida! (...) Chegava nas festas (...) todo mundo chegando com as malas de viagem, entendeu? O roncó cheio de gente, a gente se arrumando pra festa, era uma mais bonita, com a roupa mais bonita do que a outra!

Martelo comenta que a festa do caboclo, “era mais pra gente”²⁴ quando Seu João, que não bebia, recebia Seu Pedra Preta que “tomava todas”, especialmente, cerveja quente. Seu João, quando o caboclo ia embora, “parecia que não tinha bebido nada”. Martelo se lembra, também, do barracão lotado durante a semana, no dia de consulta com o caboclo quando as pessoas chegavam cedo para serem atendidas.

Ao perguntar para Mãe Marinalva se havia muitas pessoas que não eram “de santo” frequentando o terreiro ouvi como resposta: “muito, muito, muito, muito mesmo”. Perguntei também sobre as *Águas de Oxalá* e a informação que ouvi de um vizinho da Gomeia de que a banda que realizava o cortejo pelas ruas do bairro junto com os integrantes do terreiro era da Igreja Assembleia de Deus, que na época ficava ao lado da Gomeia²⁵. Mãe Marinalva negou essa informação, relatando que a banda que acompanhava o cortejo era da marinha, pois um dos componentes era marido de uma filha de santo da Gomeia. Mas, apesar de não reconhecer essa parceria entre a Igreja e o terreiro, Mãe Marinalva lembra que antigamente não tinha essa guerra da Igreja com Candomblé que tem hoje e todo mundo se falava²⁶. Essa boa relação entre o pessoal do terreiro e essa

²⁴ Em consonância com o relato de Martelo cabe observar que são raras as referências a festas consagradas ao caboclo Pedra Preta na Gomeia de Caxias nos jornais consultados na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

²⁵ Não fica mais devido a subtrações legais e ilegais do espaço original do terreno do Terreiro, de acordo com relatos orais.

²⁶ Quando abordei o tema da “intolerância religiosa” Mãe Marinalva mostrou-se um tanto reticente. Chegou a falar que com ela ninguém se mete, mas tem muitas igrejas que não aceitam. Comentou que tem muitas colegas da igreja, mas não fala da sua vida pessoal - que é “isso ou aquilo” - com elas. Esse silenciamento em relação à sua identidade religiosa é uma das

Assembleia de Deus também é lembrada por Martelo. Já a lembrança do homem generoso, que tanto aparece na memória da vizinhança, é ressaltada por Mãe Seci²⁷:

Era um homem muito bom. Ali pra comunidade, ali do Jacatirão e Copacabana, o povo que estão lá, que são da minha geração e que lembra, lembra de Pai João como um homem bom, maravilhoso, porque... ele distribuía cesta básica. Ele fazia aquele trabalho sem ele saber que ia refletir isso tudo hoje. Então, as pessoas vinham de outros estados e ficavam lá dentro da Gomeia, porque não tinham o que comer, não tinham onde ir, e ele simplesmente oferecia: “fica aí” e a pessoa ficava. E ele vestia, dava comida, ele alimentava. E ele fazia isso com a comunidade da Gomeia. Todo ano, tinha a festa do Oxóssi e de lansã. Mas a festa do Oxóssi, todo ano, tinha um boi, né? Um boi pra Oxóssi. Então, aquela carne toda era distribuída toda pra comunidade, né? Tirava-se, fazia comida pro Candomblé, pra poder oferecer às pessoas, mas aquilo ali era distribuído, distribuído mesmo. Roupas, quando era festa das crianças, doce. Era remédio, corte de cabelo... Enfim, a Gomeia, ela não era só uma Casa ali de Candomblé naquela época, né? Ele fazia um hospital ali dentro, ele fazia um mercado. Então, enfim, as pessoas olham assim como se fala em Pai João... um deus. Porque eu vejo isso acontecendo hoje, né? Como que a pessoa se tornou o que se tornou hoje, um ícone. Pra mim, eu tenho o maior orgulho.

Mãe Marinalva também se lembra dessa relação afetuosa da vizinhança com Pai João: “A criançada ficava tudo ali. (...) e era um tal de ‘Pai João pra lá’, ‘Pai João pra cá’”. Voltando a falar dessa vizinhança em outro momento, ouvi uma das reações mais enfáticas de Mãe Marinalva: “Todo mundo amava ele, minha filha! (...) Não tinha ninguém ali contra ele. Nada, nada, nada”. À minha pergunta sobre a razão de todo esse amor, responde de imediato:

É que ele era uma pessoa muito simples. (...) Ele era uma pessoa que conversava com todo mundo. (...) O que precisasse dele ele estava bem ali pra... entendeu? Que tivesse com dinheiro, que tivesse sem dinheiro, ele tava ali pronto pra fazer. Muitos filhos de santo ele já vestiu, muitos filhos de santo

formas de violência simbólica que vem atingindo “afroreligiosos” em Caxias, como demonstra a antropóloga Rosiane Almeida (2019).

²⁷ Entrevista gravada realizada em local público no Centro de Caxias em 04/09/2019.

ele já fez de graça. Eu sou uma! A minha mãe! Todo mundo!
Muitos ele fez de graça.

Então perguntei a Mãe Marinalva sobre os filhos de santo que tinham mais dinheiro, que vinham de fora, e ela mencionou uma filha de santo que vinha da Zona Sul e era parente do “Getúlio Vargas ou de um outro”. Então, se lembra de outros famosos que “não saíam da Gomeia”, como a atriz Neide Aparecida, mencionando um filme que João fez com ela e o marido dela²⁸. Mãe Marinalva segue, aumentando o entusiasmo a cada lembrança da fama de Seu Pai:

Mercedes Baptista cansou de ir lá, entendeu? queria me botar pra dançar negócio de... e ele me... ‘não, não, não, ela’ (...) aquele da rádio, que até ele morreu, o filho dele é que tá vivo. Tinha o disco de Pai João que tocava muito na rádio. (...) Ele cantando, todo mundo, minha mãe no meio, tudo isso, entendeu? [Com tristeza] Então, hoje em dia, minha filha, mudou tudo, não é mais...

Martelo, mais contido que Mãe Marinalva, também se lembra dessa presença dos famosos com orgulho. Lembra-se do ator Grande Otelo, das cantoras Ângela Maria e Emilinha Borba e do cantor Cauby Peixoto. Segundo ele, “esses artistas daquela época, tava todo mundo ali dentro.” Além de muitos políticos de projeção nacional, como Tenório Cavalcanti e Juscelino Kubitschek, que não vinham às festas, mas vinham conversar em particular com Pai João.

Ao final da entrevista, Mãe Marinalva relata que hoje não vai mais à festa de candomblé de ninguém, pois “não é mais como era antigamente”. Lamenta também que “angola acabou, tá difícil. Todo mundo agora tá no ketu” e reforça que ela é angola, mas que com Pai João “foi ensinada em tudo, né? A gente aprendeu muita coisa, que a gente não se perde”. Martelo também fala da Gomeia como um terreiro “angola e ketu, mas mais angola”. Como nega enfaticamente a presença da Umbanda na Gomeia, afirmando que era só

²⁸ Mãe Marinalva talvez esteja se referindo à atriz Helena Ignez, que apresenta uma semelhança física com a atriz e apresentadora Neide Aparecida e esteve na Gomeia, junto com seu marido, o cineasta Rogerio Sganzerla, filmando uma cena do filme *Copacabana, mon amour* (1970).

Candomblé, “Candomblé puro”. Mas confirma a presença de umbandistas que procuravam Pai João em busca de iniciação no Candomblé. Essa abertura religiosa de Pai João e da Gomeia é também mencionada por Mãe Seci, quando perguntei sobre o Catolicismo de seu Pai:

Isso, nunca abandonou e, assim, eu segui isso, né, por causa da minha família de santo que aderiram isso e me ensinaram. Se você entrar na minha casa, lá você vai encontrar Nossa Senhora Aparecida, São Jorge e os outros santos que nós temos que guardar... isso faz parte, da Gomeia mesmo, os nosso anjos que nós temos no barracão, dois anjos enormes. Então, isso faz parte dele...

Ao nascer Mãe Seci foi registrada com o nome de Sandra, mas iniciada no Candomblé por Pai João aos 8 meses de idade, recebeu a *dijina* de *Seci Caxi*. Então, como sua mãe *Kitala*, a *dijina* de Sandra tornou-se seu nome como pessoa pública que é desde que foi indicada como herdeira da Gomeia, aos 9 anos de idade. Hoje, prestes a completar 60 anos, a “rainha menina do candomblé”²⁹ fala, age e é reconhecida em Caxias como herdeira da Gomeia. Quando conversamos, Mãe Seci estava empenhada em reativar a Gomeia, pois diferencia o “axé Gomeia”³⁰ - presente nas Casas dos descendentes de Pai João - da Gomeia, que considera estar enterrada em Caxias. Como o terreno do Terreiro hoje pertence à Prefeitura de Duque de Caxias e a possibilidade de reconvertê-lo a terreiro é bastante remota, Mãe Seci e seus aliados no “axé Gomeia” buscam reativar o Terreiro da Gomeia em outro espaço, em Caxias ou local próximo, protegido dos ataques aos terreiros que vêm ocorrendo na cidade. No terreno do terreiro defende a criação de memorial para seu Pai João. Para Mãe Seci, a Gomeia, portanto, é ao mesmo tempo uma memória da infância, e também um projeto que a mobiliza, nos termos abordados por Gilberto Velho: “O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar

²⁹ Referência ao título de uma reportagem sobre a “herdeira da Gomeia” publicada na revista Manchete de 17/04/1971.

³⁰ É um dos nomes com o qual os descendentes espirituais de Joãozinho da Gomeia se reconhecem.

significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade” (VELHO, 1999, p.101).

Já para seus irmãos, o que predominou nas nossas conversas foi a Gomeia como memória de infância/juventude e lugar perdido. Falas entusiasmadas com memórias do terreiro e de Pai João são repentinamente cortadas por expressões de tristeza e falas que remetem ao fim desse tempo e à perda da Gomeia. Marinalva demonstra essa oscilação em vários momentos, como este: “Era muito lindo, minha filha! Era... ô! Quando eu... [suspiro] sei lá, eu fico até triste”. Ou quando levanta a voz com orgulho pra dizer que ele era “o rei daqui do Rio de Janeiro, o rei do candomblé”, baixando o tom no minuto seguinte para falar, com voz triste: “No entanto, tá lá jogada a Gomeia”.

De acordo com os dados construídos a partir do meu material de pesquisa, a Gomeia de Copacabana está nas lembranças vividas e/ou legadas de vizinhos de “Seu João” e integrantes da família de santo de “Pai João”, na relação que têm com esse espaço hoje e nos futuros que para ela projetam a partir da articulação entre o “vivido” no passado e no presente. Está também sob as cascas que as décadas de vida naquele bairro lhe legaram.

Descascando a Gomeia

Hoje, entre as camadas que constituem a Gomeia, a mais aparente é a que faz o local ser visto por alguns como uma grande lixeira junto às ruínas, onde objetos descartados pela vizinhança misturam-se com a lavagem³¹ e as folhagens - que alimentam os porcos e cavalos que ali vivem - e os ossos dos bichos mortos ali enterrados. Com tantos resíduos orgânicos, torna-se um espaço atraente para outros bichos, como os pombos.

³¹ Restos de comida oferecida aos porcos.

Mas há outras camadas, visíveis e invisíveis, que nos informam sobre outros usos e sentidos que aquele espaço já teve e tem. Como os vestígios do campo de concentração Auschwitz-Birkenau que as fotografias de Didi-Huberman revelam, também na Gomeia hoje “o que resta para ver, ali onde quase tudo foi destruído” são as “coisas chãs”, como sugere Didi-Huberman (2017, p.27-28):

os solos falam conosco precisamente à medida em que sobrevivem, e sobrevivem à medida em que os consideramos neutros, insignificantes, sem consequências. É justamente por isso que merecem nossa atenção. Eles são a casca da história. (DIDI-HUBERMAN, 2017:65-66)

Subtraindo a casca que Dorinha chama de “nojeira”, que teria virado a Gomeia, é possível ver o registro de outros usos que aquele espaço teve depois que deixou de ser um terreiro. Na memória local, presente tanto na minha pesquisa quanto na do arqueólogo e antropólogo Rodrigo Pereira (2019), o filho de santo de João, conhecido por sua *dijina* Oya Guerê ou apenas Guerê, é apontado como a última pessoa a morar na Gomeia. Com autorização do então proprietário, Tata Gitadê, Guerê tomou conta do terreno e suas edificações até falecer em 2010³². No período que ali morou, fez modificações na casa, cultivou plantas ao seu redor e manteve o terreno limpo. A casa de Guerê, em comparação ao que teria sido a Casa de Joãozinho da Gomeia, teve uma parte subtraída por uma filha carnal de uma filha de santo de João, segundo relato de Dorinha³³. Outra diferença, perceptível ao primeiro olhar, é o desnível entre o chão da casa e a calçada da rua, o que revela o aterramento que o terreno recebeu e a antiguidade da construção, muito anterior ao calçamento da rua. Olhando mais ao fundo do terreno é possível ver duas traves e um alicerce de construção, que as filhas de Dorinha informam fazer parte do campo de futebol que a vizinhança conseguiu que um vereador viabilizasse a construção. A pesquisa de Pereira (2019) apurou que o campo de futebol foi construído após

³² Segundo Pereira (2019) e também segundo o relato de Dorinha.

³³ Entrevista gravada na localidade em 02/04/19.

a morte de Guerê e funcionou por pouco tempo com o nome de *Gomeia Esport Clube*.

“Descascar” a história através do “olhar arqueológico” foi o que literalmente fizeram os colaboradores da pesquisa arqueológicas realizada no terreno do terreiro entre 2015 e 2016. Empreendidas pelo doutorando em arqueologia Rodrigo Pereira, as escavações foram precedidas de análise de fotos e descrição do terreiro presente na tese de Gisele Cossard (1970), mas também por relatos orais de pessoas que conheceram o terreiro e apontaram para o arqueólogo onde o chão deveria ser escavado para chegar às ruínas do terreiro.

Segundo algumas narrativas locais - em convergência com narrativas registradas por Pereira (2019) em sua pesquisa - há uma camada da Gomeia que escavações no seu terreno não revelaram, mas dialogaram. Uma filha de Pai João, entrevistada por Pereira, ao ser questionada se ali ainda era um terreiro foi enfática:

Claro que ainda é um terreiro! [TOM AFIRMATIVO]. Aqui tem axé da terra. Aqui tem de ser preservado. Tem de ser reconstruído. A mão do meu pai se foi, mas o axé dele tá aqui. Só de entrar eu sinto. Quem é de axé sente que aqui tem coisas e coisa boa, não é de macumba ou magia. É o axé da Gomeia. Foi tanto cabrito morto que a terra ficou com axé. Também ele iniciava uns vinte em cada barco. Sempre tinha iaô novo aqui. Aí, como perder essa energia? Não tem como não. Isso fica. Isso impregna na gente que nem graxa. Não sai. Fica. Por isso, a gente tem se unir pra renovar isso aqui e reconstruir a Gomeia. A verdadeira Gomeia é aqui. (PEREIRA, 2019: 393)

A entrevistada atribui a vitalidade da Gomeia naquele terreno à sua condição de espaço sagrado, pois o “axé”³⁴ produzido no passado, através de rituais, ainda está presente. Percepção compartilhada por outra filha de santo de Pai João, também em depoimento dado ao arqueólogo:

Não é porque Joãozinho morreu que isso não tem mais valor. Aqui ele plantou o seu caboclo que trouxe da Bahia. Mesmo que

³⁴ “Força dinâmica das divindades, poder de realização, vitalidade que se individualiza em determinados objetos.” (CACCIATORE, 1977, p.55)

ele [o Caboclo] não more mais aqui, aqui ainda é o Terreiro da Gomeia. É aqui que fui feita, é aqui que bato minha cabeça. Tudo aqui tem axé e não é o que houve que muda isso. (PEREIRA, 2017, p. 111)

Ou seja, para esses descendentes do “axé Gomeia” entrevistados por Pereira, sob aquele terreno cheio de resíduos de sua vida nas últimas três décadas, vive ainda o Terreiro da Gomeia, através da materialidade soterrada, mas principalmente pelas forças invisíveis à primeira vista que ainda atestam suas existências.

Entre as onze entrevistas feitas por Pereira - nove filhos de santo do “axé Gomeia” e dois vizinhos do terreno - apenas um filho de santo da Gomeia, afirma que não há presenças de outro mundo ou plano naquele espaço e um vizinho não fala sobre esse assunto. Já o outro vizinho entrevistado traz em sua fala relatos locais sobre essas presenças:

Ali não tinha nada de dia. A gente deixava as crianças ali pra andar de bicicleta. (...) Pode perguntar pro meu filho, ele andava de bicicleta dentro da Casa do Caboclo. Em junho, até festa junina a gente fazia ali. (...) De noite, [PAUSA CURTA]. A noite não é pros vivos. A noite é dos mortos. Eu e um monte de gente via uma pessoa vestida de índio ali de noite. Era o caboclo Pedra Preta. Ele anda ali nas noites de lua cheia. Você precisa ver na Quaresma. Ele anda toda noite de sexta-feira ali dentro. Uns dizem ouvir uns barulhos. Eu mesmo só ouvi uns gritos. O pessoal diz que é ele que protege aquele terreno. Por isso, que ninguém mora ali. É amaldiçoado. Vai ali embaixo daquele terreno e fica um tempinho. Aí você vai ver essa alma penada andando ali. Diz que é pra ninguém achar o baú de ouro da Gomeia. (PEREIRA, 2019, p. 442)

Rodrigo Pereira, em comunicação pessoal, relatou que durante as escavações foi interrogado por algumas pessoas se estavam procurando ou se já haviam achado esse “baú de ouro” enterrado na Gomeia. Também Waldemar Alvarenga Neto (2008) menciona essa crença local no “tesouro enterrado” na Gomeia:

a lenda criada por moradores próximos a Gomeia que afirmam escutar cantigas e toques de atabaques além dos Orixás, Exús,

Caboclos e o espírito do próprio Joãozinho da Gomeia que são vistos no terreno, protegendo o tesouro enterrado. (NETO, 2008, p.61)

Essa percepção de que o terreno é cuidado por alguém de outro plano de existência aparece também na fala de Rodrigo Rodrigues³⁵, um jovem nascido e criado em uma casa a poucos metros da Gomeia. Rodrigo conta que fez parte do grupo de vizinhos que tentou transformar o terreno em um campo de futebol. Chegaram a conseguir a limpeza do terreno e as traves, mas pouco tempo depois pararam de frequentar o campo. Ele também lembra quando vizinhos passaram a fazer festas de São João no terreno, mas a iniciativa não resistiu por muito tempo. Todos esses relativos “fracassos” na ocupação do terreno - lembrando também de todos os projetos do poder público, como a creche e o centro cultural, que ainda não se efetivaram - são percebidos por Rodrigo como expressão da vontade de quem zela por aquele espaço, que acredita ser Seu João, e talvez ainda não tenha autorizado essas formas de ocupação, fazendo com que nada fosse “pra frente” ali.

Já Daniele e Juliana dizem desconhecer narrativas que mencionam a presença do caboclo de Pai João no terreno. Elas dizem que nunca viram nem nunca ouviram falar que ele aparece e não acham que a vizinhança tenha medo do terreno por essa ou outras presenças de “outro mundo”. Afirmam que “sobrenatural” mesmo só o dendezeiro, plantado por Joãozinho da Gomeia e junto ao qual ficava a Casa do Caboclo Pedra Preta (Pereira, 2019, p.259). Segundo Daniele³⁶:

É, o dendezeiro, se você, tipo assim, ficasse olhando pra ele, muito assim, parecia que... né?(...) É que ele parecia Omolu³⁷. Parecia não. Era igualzinho Omolu. Igualzinho. Tanto que pra cortar essa árvore deu trabalho, deu muito trabalho. Deu muito, muito trabalho.

³⁵ Rodrigo conversou comigo em duas ocasiões. Na primeira, em outubro de 2017, tivemos uma conversa informal. Na segunda, em janeiro de 2018, fiz uma entrevista gravada. O relato em questão foi feito nas duas ocasiões.

³⁶ Entrevista realizada na sua residência em 04/03/2020.

³⁷ Orixá no Candomblé Ketu.



Figura 2. Fotos do dendezeiro feitas por Rodrigo Pereira em 2012 e em 2015. Ele relata que ao voltar ao local em 2015, a árvore já estava morta, mas mantinha o tronco, e em 2016 esse tronco morto havia sido queimado. Em nota de rodapé, Rodrigo reforça o relato de Daniele: “a forma que a árvore secou assemelhou-se às vestes de Obaluiaê/Kavungo³⁸, o que para estas pessoas indicava uma presença sagrada de proteção desta entidade para o local.” Fonte: Pereira (2019:262)

Em sua tese, Rodrigo Pereira traz elementos que corroboram a presença de “sacralidade” naquele espaço e especula se a percepção dessa sacralidade pode ter se tornado um impedimento para a ocupação do terreno com outra atividade, mesmo depois de três décadas de extinção do terreiro (PEREIRA, 2019). Por compartilhar dessa percepção, o arqueólogo só iniciou as escavações após pedir licença ao *Egun*³⁹ de Pai João e ao *Exu*⁴⁰ que guarda a entrada do terreiro.

Entendo que essas presenças percebidas nesses relatos, mesmo que venham de visões de mundo diferentes e sejam identificadas e qualificadas também de forma diversa - “axé”, “entidades protegendo o terreno e/ou o

³⁸ Obaluiaê é o nome pelo qual o orixá Omolu também é chamado no candomblé ketu. No candomblé angola é associado ao inquice Kavungo.

³⁹ Espírito de um ancestral divinizado.

⁴⁰ Orixá Exu.

tesouro enterrado”, “sacralidade” - podem ser classificadas como o que Márcia Nóbrega (2019), em sua pesquisa sobre as relações entre os habitantes humanos e não-humanos na Ilha do Mossangano⁴¹ reconhecem como “livusias”:

“Livusias” são os rastros deixados na terra por estes entes de outros mundos. Tal como aparece no Dicionário Aurélio, o termo “livusia” seria uma corruptela da palavra “aleivosia”, que se refere a tudo aquilo que for falso: “s. f. 1. Traição, perfídia, deslealdade. 2. Dolo, fraude. 3. Falsa acusação, calúnia. [sin. ger.: aleive.]”. No entanto, na Ilha do Massangano, “livusia” designa algo que tem um sentido inverso ao da mentira. Justamente, passar por um lugar que tem “livusia” é correr o risco de deparar-se, na terra, com os efeitos da presença de entes de outros mundos: seja uma casa pegando fogo, um gato crescendo à altura de um poste, uma corrente de ouro que se arrasta, uma lapada que lhes enverga as costas, ou uma surra que, mesmo não se sabendo de onde veio, não deixa de doer no corpo. A “livusia” é, antes, um atestado de existência. (NÓBREGA, 2019, p. 471)

Nessa perspectiva, todas as “presenças ausentes” relatadas nessa seção podem ser interpretadas como atestado de existência da Gomeia e dos seres e forças que a habitam no plano da “livusia”, onde alguns acessam e outros não.

Entre presenças e ausências, vive a Gomeia

Rodrigo Pereira (2018) relaciona o apagamento de memórias sobre a Gomeia com o apagamento material do terreiro na paisagem de Duque de Caxias: “Nesta perspectiva, se o que não é visto não é lembrado, destruir a presença física do terreiro é apagar a sua presença e, de certa maneira, as suas memórias” (PEREIRA, 2017, p. 111). Esse tipo de conexão - “o que não é visto não é lembrado” - entre espaço e memória tem sido enfatizada em pesquisas, mas também na militância em torno de memórias coletivas. Concordo com o pesquisador, mas percebo também essa relação por outro lado. Invertendo a proposição, procurei explorar outro tipo de conexão entre espaço e memória

⁴¹ Ilha situada no leito do Rio São Francisco, no município de Petrolina-PE.

neste capítulo: o que é lembrado por não ser visto. Isto é, a “presença da ausência”.

Arriscaria aqui a hipótese de que o fato de o antigo terreiro ter se convertido em um terreno baldio e uma casa em ruínas em um bairro de alta densidade demográfica torna ainda mais presente essa ausência e esse vazio. Embora o terreno tenha sido utilizado durante esses anos de “abandono” para outros fins, a imagem de abandono e descaso com a memória que carrega foi acionada em diferentes momentos, suscitando movimentos reivindicatórios de reabilitação daquele espaço e dessa imagem de abandono, incompatível com a imagem do passado glorioso que também carrega.

Entre “ausências e presenças” a Gomeia, que minha experiência de campo trouxe, vive nos planos da “memória”, da “imaginação” e da “livusia”, mas especialmente no enredamento entre esses planos de existência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosiane R. *A luta por um “modo de vida”: as narrativas e as estratégias de enfrentamento ao racismo religioso do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (FONSANPOTMA)*. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF), Niterói: 2019.

ALVES, José Claudio Souza. *Dos Barões ao Extermínio - Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH-CLIO, 2003.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário dos Cultos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

COSSARD, Gisele. *Contribution à l'étude des candomblés du Brésil : le rite angola*. Tese de doutorado, Sorbonne, Paris, 1970.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, RJ; Vozes, 1998.

DIDI-HUBERMAN, George. *Cascas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

MEDINA, Rodrigo Daniel H. *Memoria y Olvido del Terreiro da Gomeia*. Dissertação defendida no Centro de Investigación y Docencia económicas, A.C. Ciudad de México: 2020.

NETO, Waldemar A. O Princípio da Gomeia. *Pilares da História*. Duque de Caxias, n.9, p.55-62, 2008.

NÓBREGA, Márcia. Entre 'almas' e 'caboclos', um 'povo só': diferença e unidade em uma ilha no Rio São Francisco. *Revista de Antropologia da UFSCAR*. Florianópolis, nº 9, jul./dez., p. 109-122, 2017.

PEREIRA, Rodrigo. Memórias do Terreiro da Gomeia: entre a materialidade e a oralidade. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v.37, n.3, p.101-123, 2017.

PEREIRA, Rodrigo. *Análise do espaço e da cultura material no extinto Terreiro da Gomeia (duque de caxias/rj): um estudo etnoarqueológico*. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2019.

POLLAK, M. "Memória e Identidade social", in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, pp. 200-212, 1992.

TUAN, Yu-Fu. *Espaço e Lugar - A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.